

Brincando de panelinha... os potes Tupiguarani em miniatura e as vasilhas para treinamento

André Prous¹
Lilian Panachuk²
Camila Jácome³

Resumo. A análise de 128 vasilhas miniaturas em cerâmica Tupiguarani, comparada com algumas de outras origens, evidencia as seguintes categorias: artefatos produzidos por crianças menores; artefatos produzidos por crianças maiores, de 7 a 10 anos. Objetos feitos por adultos para crianças, e artefatos realizados em parceria por pessoas de habilidades desiguais. Enfim, vasilhas funcionais, destinadas a guardar substâncias preciosas ou a nutrir criancinhas. Para tanto observamos as técnicas utilizadas para fabricar os potes, assim como a regularidade da sua morfologia. Nas coleções, também observamos suportes maiores que as miniaturas, destinados ao treino de principiantes. Em vasilhas grandes e utilitárias normais, pinturas foram executadas por várias mãos (com um modelo, imitado de forma desajeitada), cada uma trabalhando em espaços específicos. A comparação entre as miniaturas produzidas nas regiões meridional (proto-guarani) e setentrional (proto-tupi) mostra diferenças semelhantes àquelas já observadas em nossos estudos de vasilhas maiores, traduzindo os valores éticos das sociedades. As categorias de habilidade que determinamos correspondem às faixas etárias Tupinambá sugeridas por crônicas, e cuja denominação aparece nas descrições de Évreux e no dicionário de Montoya. Da mesma forma que o estudo da cerâmica dá visibilidade arqueológica às mulheres indígenas do Brasil, as miniaturas nos informam sobre a educação das meninas e moças e suas relações com as adultas.

Abstract. This paper analyzes 128 miniaturized tupiguaranian archaeological pots from Brazilian coastal range. From physical children development, we think it is possible to discriminate among them some produced by little children; others, by children of ca. 7/10 years old; others made by adults for children, and some made in part by children and in part by grown people. There are also little functional containers to store precious substances or to feed infants. To separate these categories we first perused the way pots had been made and the regularity of their shape. Looking at the decoration, it has been possible to find some larger vessels used to train beginners, with a painted model and the attempts made by of untrained people. Last, large functional pots on which different portions have been decorated by two or three people of unequal dexterity. Comparison between miniatures made in the northern and in the southern part of Brazil shows the same regional differences we had previously noticed in functional tupiguaranian painted vessels and that express the different regional aesthetic values. The difference in motor capacity that we have observed are coincident with the age ranges recognized by tupian speaking Indians in the XVI and XVII centuries (found in Évreux,

¹ Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Montoya's and others reports). The study of ceramics points to the world of woman, in eastern South America; so, the focus on miniatures informs on motherhood sensibility and girl education among the ancestors of Tupi and Guarani modern Indians.

Introdução

Sabe-se que, nas sociedades humanas onde existe uma forte separação das tarefas segundo o sexo, as crianças desde cedo copiam seus modelos adultos. Em princípio ao brincar, aos poucos participando de uma forma cada vez mais ativa de suas atividades específicas. Brinquedos educativos costumam ser recebidos dos parentes que as crianças aprendem a imitar. Não se trata exclusivamente de uma atividade lúdica e espontânea, mas também de uma aprendizagem das técnicas e das normas, encorajada pela sociedade.

Os cronistas dos séculos XVI (Staden 1974; Léry, 2007; Soares de Souza 2001; Thévet 1953) e XVII (Abbeville 2002; Cardim 1980; Évreux 2007; Montoya 1893; Salvador 2007) frisaram que, entre as comunidades de língua Tupi e Guarani, a fabricação e a decoração de vasilhas de cerâmica era confiada às mulheres e que as mais habilidosas tiravam prestígio deste trabalho. Esta relação entre mulher e cerâmica é inclusive generalizada entre as populações das terras baixas sul-americanas, onde a gestação de um pote costuma ser, de forma explícita ou implícita, assimilada àquela de uma criança (Lévi-Strauss 1985). Para Van Velthem (2003) e Santos-Granero (2009) haveria uma relação metafórica entre filhos e potes, ambos sendo construídos como artefatos, não sendo a criança apenas resultado de um instante de fecundação, mas produzida aos poucos.

Ao estudar a cerâmica Tupiguarani, os autores deste texto depararam-se com recipientes supostamente não funcionais, que poderiam inicialmente ser interpretados apenas como brinquedos; e com outros, aparentemente utilizáveis, que apresentam - principalmente em sua decoração - indícios de terem sido pelo menos parcialmente trabalhados por pessoas pouco habilidosas. Crianças e/ou aprendizes? Desde 2004, um de nós (Prous 2004a, 2004 b, 2005) apontava a existência de espaços de treinamento em vasilhas Tupiguarani, que poderiam refletir uma participação de crianças e principiantes relativamente maduras nos processos de produção, mas não mencionou possíveis brinquedos.

O presente estudo teve início em 2009, quando Tania Andrade Lima nos propôs preparar uma comunicação em simpósio sobre as marcas de atividades infantis em registros arqueológicos. Naquela época, A. Prous e C. Jácome decidiram usar como exemplo apenas as vasilhas miniaturas encontradas em sítios Tupiguarani; o resultado foi então apresentado no XV^o Congresso da SAB (Jácome e Prous 2009). Quase dez anos depois, se oferece a oportunidade de ampliar aquele trabalho inicial e L. Panachuk aceitou então participar desta empreitada. Sua situação de aprendiz em ateliês de cerâmica proporcionou uma excelente preparação, assim como sua inserção no Grupo de Estudo em Desenvolvimento e Aprendizagem Motora (GEDAM) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Para este trabalho passamos a reunir uma documentação relativa a coleções antigas do Mato Grosso do Sul e do Paraguai consultadas por um dos autores (A. Prous), do Rio Grande do Sul (A. Prous e L. Panachuk) e aquela decorrente de escavações realizadas com a participação dos autores em Minas Gerais, Espírito Santo e no Pará. Aproveitamos também a bibliografia disponibilizada a partir da realização do catálogo de pinturas em cerâmica Tupiguarani (Prous, Chanoca, Panachuk, Jácome e Rocha, 2017).

Neste texto não nos limitamos às vasilhas miniaturas (algumas das quais, inclusive, podem não ser brinquedos, nem sequer ter relação com crianças). Também apresentamos exemplos de vasilhas maiores, mas nas quais aparecem mãos de crianças e/ou pessoas com diversos graus de habilidade motora e manual.

1. Revisão dos antecedentes

Presença das crianças e aprendizes

Depois da publicação (em 1960) e da tradução para o inglês do livro de P. Ariès, arqueólogos de vários países passaram a se interessar pelos rastros das atividades infantis nos vestígios arqueológicos.

A presença das crianças no registro arqueológico pré-histórico é discutida desde pelo menos os anos de 1980 a partir dos sítios magdalenenses da região de Paris (Bodu 1993), sendo o tema específico de um trabalho de G. Lillehammer (1989). Contudo, somente a partir deste milênio o tema se torna mais frequente na bibliografia internacional (Kamp et. al. 1999, Kamp 2000, 2010, Baxter 2005, 2010, Gilchrist 2007; Romero 2010, Park 2010, Miguel Ibáñez 2010, Wilkie 2010, Uziel, Avissar, 2013; Maret, Sidéra, 2015; Sidéra, Maret, 2015; Sidéra, Vornicu, 2016), a reboque da arqueologia de gênero. No Brasil, as referências a crianças e aprendizes (a diferença entre a produção de umas e de outras pode ser difícil de se reconhecer) são ainda muito raras. Para o período histórico podemos citar Lima (2012). Em relação aos tempos pré-históricos, atribuiu-se algumas peças líticas (Prous 1991: 255), tangas marajoara (Prous e Lima, 2011, Prous 2013), vasilhas e pinturas em cerâmicas a pessoas ainda inexperientes, e outras a adultos que proporcionariam a crianças brinquedos ou modelos a serem reproduzidos (Prous 2004b, 2005; Chmyz 2010, Jácome e Prous 2009; Panachuk e Carvalho 2010, Panachuk 2014, 2018). F. La Salvia e J. Brochado (1989), por sua vez, ilustraram várias miniaturas em seu livro sem, contudo, tecerem comentários a respeito. Atualmente a nossa equipe de pré-história do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais se interessa pelos gestos que marcam o desenvolvimento da habilidade técnica e motora em grafismos rupestres e na elaboração da cerâmica.

De qualquer forma, já existiam várias referências a vasilhas miniaturas em cerâmica na bibliografia que explícita ou implicitamente evocavam uma produção feita por ou para crianças (A. Mattos 1947, Blasi 1967, P. A. Mentz Ribeiro 1968; F. Silva 2000, F. Almeida 2008, I. Chmyz 2010, L. Garcia 2012, S. Caldarelli 2014). Não haveria nada estranho em se encontrar brinquedos em cerâmica nos sítios pré-históricos Tupiguarani - ou de outras tradições - já que estes objetos são amplamente documentados entre ceramistas indígenas do período histórico, seja na forma de bonecas (por exemplo entre os Karajá: Campos, 2007), seja de vasilhas (entre os Asurini: Polo Müller, 1993).

Desenvolvimento motor e aprendizagem

Sendo um dos objetivos deste trabalho tentar avaliar qual poderia ser a faixa etária dos autores das miniaturas, era preciso se informar sobre as capacidades motoras dos seus produtores. O desenvolvimento motor da criança se faz segundo um roteiro que parece ser constante entre todos os seres humanos, embora seu ritmo varie levemente de uma pessoa para outra. Pode, no entanto, haver discrepâncias em razão das práticas culturais. Os cronistas dos séculos XVI e XVII já tinham refletido sobre estas diferenças de costumes,

como Léry (op. cit.) ao comparar as criancinhas Tupinambá criadas soltas com as dos europeus, embrulhadas como múmias durante seu primeiro ano – supostamente para evitar que seus membros ficassem tortos. A tradição ocidental dos últimos séculos evita confiar tarefas “sérias” às crianças, pelo menos nas classes favorecidas, até o aparecimento dos jogos eletrônicos, que passaram a exigir novas habilidades no campo do divertimento. Esta situação contrasta com o que pode ser observado em sociedades camponesas e de países pobres: crianças de 4 anos trabalham na fabricação de tapetes no Afeganistão, pois seus dedos pequenos podem fazer nós mais finos que os dedos de pessoas mais crescidas. Em campo, entre as populações ribeirinhas do rio Amazonas, ou indígenas da Guiana brasileira, os autores deste texto estranharam ver crianças de quatro anos manejando o facão para descascar mandioca ou, sozinhas, levarem numa canoa de tronco seus irmãozinhos menores. Assim, não podemos ter certeza de que as idades propostas pelos atuais pesquisadores para o domínio de determinados gestos tenham sido válidas para as crianças das ceramistas Tupiguarani. Abbeville (op. cit.) já escrevia que as crianças indígenas não eram tão pueris quanto as europeias (o que pode ser entendido tanto do ponto de vista físico quanto psicológico). Mesmo assim, essas tentativas permitem aproximações úteis, sobretudo quando correspondem às categorias classificatórias propostas pelos Tupinambá históricos. Para isto recorreremos particularmente a Évreux (op.cit), que reporta as denominações dos indígenas da ilha de Maranhão no início do século XVII. As informações mais recentes de Chamorro (2009), falante de língua guarani e estudiosa de Montoya, reforçam a validade dessas classes de idade.

Segundo pesquisadores atuais e oleiras artesanais com as quais uma de nós (L. P.) trabalha em Belo Horizonte, as criancinhas urbanas de 4 anos são aptas a modelar de forma bastante controlada bolinhas de argila amassadas na mão; em meio favorável (filhos e filhas de oleiras) esta capacidade aparece ainda mais cedo. A aptidão para modelar roletes e um volume simples é adquirida por volta dos 6 a 7 anos nas crianças urbanas observadas em atividades lúdicas dirigidas. Poderia se desenvolver um pouco mais cedo entre os ceramistas Tupiguarani, em que todas as mães eram provavelmente oleiras. Nota-se que a lateralidade (hábito destro ou canhoto) se desenvolve por volta dos quatro anos fixando-se até a idade de sete anos (Gallahue, Ozmun, Goodway, 2013; Haywood, Getchell, 2016).

A capacidade de desenhar linhas acompanhando uma superfície curva para produzir a impressão visual de que as figuras são retas (em vez de traçar uma linha efetivamente reta) se desenvolve entre 6 e 10 anos em nossa cultura. Trata-se de aplicar um conceito plano a uma superfície curva. Infelizmente, não temos encontrado informações a respeito da percepção diferenciada da loxodromia e da ortogonia em outras tradições culturais.

Estas faixas etárias correspondem aproximadamente às categorias de idade que Évreux (op. cit.) atribui às moças Tupinambá: até os 6 anos, as *kugnantin myri* (mocinhas) amassam o barro e imitam a mãe fazendo potes; entre 7 e 14 anos de idade, as *kugnantin* (moças) aprendem os deveres de uma mulher. Segundo Évreux, esta aprendizagem seria feita junto de mulheres maduras (*uainuy*) e prestigiadas, que lhes ensinariam particularmente a tecelagem e a cerâmica. Segundo Thevet e Évreux, depois da menarca e da consequente escarificação, as moças passavam a ser treinadas pesada e intensivamente em todas as tarefas domésticas. Aos 15 anos, as *kugnamin mucu* dominavam as técnicas tornando-se aptas ao casamento.

Acreditamos que muitas vasilhas miniaturas ou de tamanho funcional encontradas

nas coleções e escavações incluem brinquedos feitos para crianças, outros executados por elas mesmas, e ainda modelos para treinamento. Assim teríamos ilustradas as diferentes categorias de idade acima mencionadas.

2. Brinquedos, folguedos, miniaturização e aprendizagem

Vamos considerar inicialmente as vasilhas miniaturas e, mais adiante, produções de tamanho maior - mas nas quais reconhecemos a atuação de crianças inábeis (*iecatú y mbae eté*), de aprendizes (*oñemboe rãm ubêe*) e de seus mestres (*tirey rehe ñanga requara*)⁴.

Miniaturas

Não é óbvio definir o que seriam *vasilhas em miniatura*, pois esta expressão sugere ao mesmo tempo um tamanho diminuto e uma inadequação funcional (pequenas demais para serem usadas na vida cotidiana). Assim, miniaturas teriam uma função apenas lúdica. Ora, as dimensões de uma mesma vasilha podem ser insuficientes para preparar ou conter uma refeição, porém suficientes para assegurar a preservação de uma substância medicinal, tóxica ou ritual, útil em pequena quantidade. Como não pudemos buscar eventuais vestígios químicos de utilização nas vasilhas analisadas, tínhamos duas possibilidades; a primeira era nos pautar por considerações técnicas e estilísticas, chamando de “miniaturas” as vasilhas pequenas que supostamente apresentariam características morfológicas e decorativas toscas. Esta escolha poderia de fato indicar objetos preparados por crianças, mas não contemplaria miniaturas feitas por adultos para servirem de brinquedo. Desta forma, decidimos nos guiar por critérios puramente métricos: seriam “miniaturas” os recipientes com diâmetro igual ou inferior a 11 cm, embora este limite proposto entre vasilhas consideradas “normais” ou “funcionais” seja, de fato, subjetivo (Figura 1). Nossa justificativa foi o fato de que a quase totalidade das vasilhas assim separadas apresenta anomalias em relação aos recipientes maiores. Poucas foram as vasilhas diminutas sem irregularidades de forma e de decoração que poderiam ser recipientes utilitários. Contudo, incluímos entre as miniaturas algumas *nhaetá* que medem um pouco mais de 12 cm, pois esta forma não é funcional neste tamanho, sendo significativamente maiores as demais vasilhas desta categoria. As *nhaetá* que consideramos nesta pesquisa não permitem preparar vegetais, mas são adequadas para oferecer alimentos a crianças muito pequenas.

Um indício importante para diferenciar miniaturas fabricadas por adultos daquelas produzidas por crianças seria a mensuração da largura das impressões de dedos infantis deixadas na pasta ainda não queimada dos artefatos. Observações sistemáticas já permitiram apurar e testar experimentalmente a confiabilidade deste método, elaborado por K. Kamp. Sua aplicação às cerâmicas arqueológicas do norte do Arizona deu resultados promissores (Kamp et al. 1999). Mostrou que as crianças da cultura Sinagua eram autoras da maioria das figurinhas modeladas, enquanto os adultos fabricavam as vasilhas. Contudo, não chegamos a analisar as peças brasileiras de forma sistemática sob este aspecto.

Observamos para este trabalho 128 miniaturas provenientes de sítios Tupiguarani. Para fim de comparação, também consideramos três dezenas de peças diminutas de outras

⁴ Termos compilados em Montoya (1640)



Figura 1. Comparação entre um *cambuchi* de tamanho “normal” e miniaturizado, na mesma escala. TG-135: Museu Comunitário Almiro Theobaldo Müller de Itapiranga, Santa Catarina. TG-315: Museu Júlio de Castilhos. Prancha: L. Panachuk.

origens (arqueológicas: Taquara, Sapucaí, Konduri, Marajoara; etnográficas: Waurá e uma peça amazônica).

Quarenta e três miniaturas foram vistas no Museu Arqueológico do Rio Grande do (MARSUL), a grande maioria das quais apresenta características claramente Tupiguarani (Figuras 2 e 8). Outras vinte e duas vasilhas foram consultadas no Museu Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, sendo vinte delas de origem provavelmente Tupiguarani (Figura 3). Outras duas são de origem etnográfica (século XIX): uma micro panela Waurá (Mato Grosso) e outra do Pará, usada para guardar curare (Figura 7, centro e esquerda). Ainda aproveitamos no estudo nove vasilhas e um aglomerado de micro roletes conservados no Instituto Anchieta de Pesquisas (Figura 4), e cinco do acervo da PUC-RS (Figura 5), sendo as peças de ambas as coleções provavelmente procedentes do Brasil meridional.

Consultamos também oito miniaturas do acervo do Museu Andrés Barbero (Assunção), provenientes da escavação de sítios Tupiguarani do Paraguai. Utilizamos duas miniaturas pintadas sob guarda do Museu Nacional, três do Museu Antropológico Doutor Pestana, uma do Museu do Colégio Mauá, outra da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, duas do Museu do Ceará, duas do Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr (Figuras 12 e 13). Algumas dessas peças aparecem em nosso catálogo de pinturas em cerâmica Tupiguarani (Prous, Chanoca, Panachuk, Jacome e Rocha 2017).

Provenientes de escavações recentes, foram examinadas três miniaturas Aratu oriundas do sítio Hiulton, e duas Tupiguarani do sítio Bota Fora, escavadas em pesquisas preventivas coordenadas por L. Ribeiro no Espírito Santo (Jacome, 2009). Também incluímos 16 peças encontradas durante as pesquisas promovidas pela *Scientia Consultoria* com coordenação de L. Panachuk e D. Kern em sítios do sudeste paraense (sítios Marabá 9/10, Marabá 11/13, Marabá 14 e Marabá 25), no município epônimo (Caldarelli e Panachuk, 2013) (Figura 6). E, finalmente, 13 peças provenientes dos sítios Florestal 1 e 2, depositados no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, após as pesquisas da equipe desta instituição (Panachuk et al. 2010).

Da bibliografia, aproveitamos uma miniatura do sítio Estirão Comprido (PR), pesquisado por O. Blasi (1967), e quatro peças das Fases *Tibagi* e *Sarandi* divulgadas por I. Chmyz (2010). Enfim, uma peça encontrada em sítio da tradição Aratu/Sapucaí em Belo Horizonte, publicada por A. Mattos (1947), e conservada no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (Figura 7, à direita). Além das imagens publicadas por La Sálvia e Brochado (1989).

Tabela 1. Miniaturas Tupiguarani, analisadas para este estudo

Instituição de guarda	Quantidade
Museu Etnográfico Doctor Andrés Barbero	8
Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul	43
Museu Júlio de Castilhos	20
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	10
Museu da Pontifícia Universidade Católica-RS	5
Museu Antropológico Diretor Pestana	3
Museu do Colégio Mauá	1
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1
Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr, SJ	2
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ES	2
Museu de História Natural e Jardim Botânico, UFMG	13
Museu Nacional, UFRJ	2
Museu do Ceará	2
Fundação Casa de Cultura de Marabá	16
Total	128

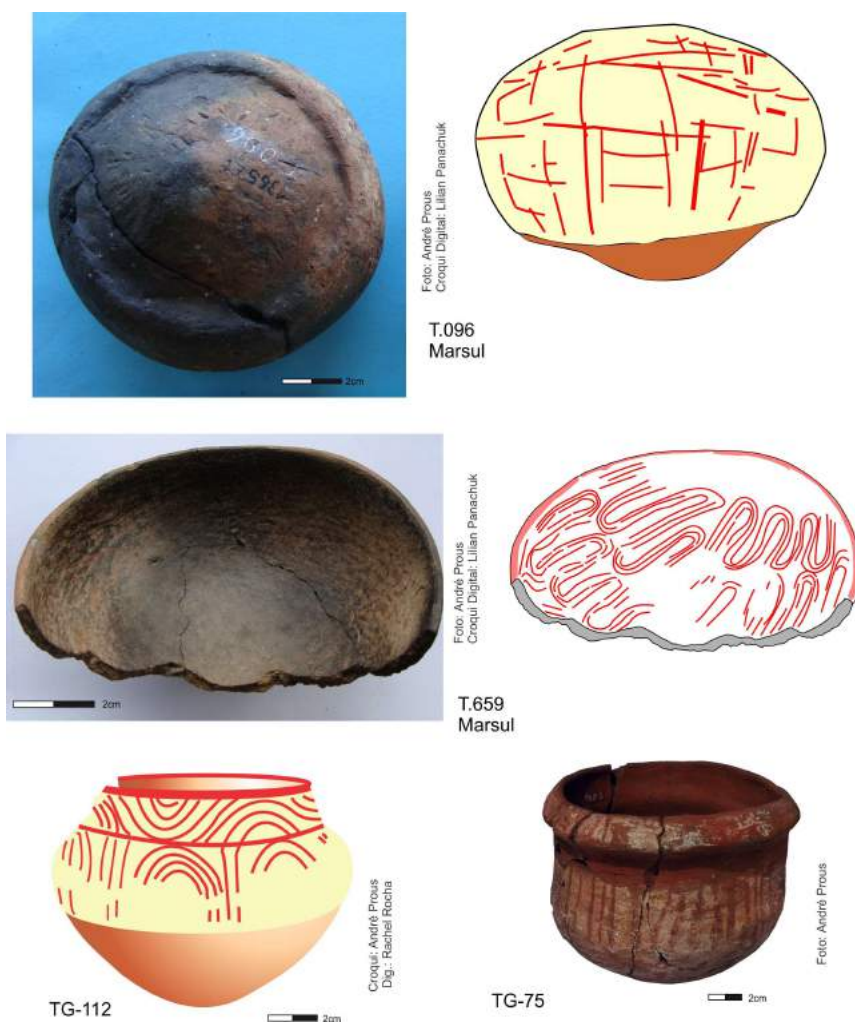


Figura 2. Coleção do Museu do Rio Grande do Sul (MARSUL), peças pintadas. T.096 vista da base externa e desenho do ombro externo (vista lateral). T.659: Pintura na face interna da pequena tigela oval. TG-112: *cambuchi* com decoração externa (vista lateral). TG-75: pintura na face externa (vista lateral). Prancha: L. Panachuk.

Consideramos que as miniaturas observadas nas coleções podem entrar em cinco categorias principais: a) “brinquedos” produzidos por crianças pequenas; b) “brinquedos” feitos por pessoas maiores e entregues prontos às crianças. c) “brinquedos” feitos parcialmente por pessoas mais crescidas, mas entregues para as crianças antes de totalmente prontas (por ex., antes da queima, ou incompletamente decoradas) para que estas possam participar da sua elaboração. d) vasilhas funcionais para uso pelos adultos, destinadas a conter



Figura 3. Alguns exemplares da coleção Museu Júlio de Castilhos. Prancha: L. Panachuk.

substâncias úteis ou preciosas em pouca quantidade. e) acrescentamos ao nosso estudo algumas vasilhas funcionais abertas, um pouco maiores, possivelmente concebidas para servir a comida destinada a criancinhas.

- Propomos identificar como brinquedos de **produção infantil elementar** (Figura 8) onze vasilhas cuja morfologia simplíssima e execução tosca não necessitaram muita coordenação motora; apresentam uma forma aproximada de dedal (esférico ou ovoide) e não receberam nenhuma decoração (com exceção da peça T.093⁵ com marcas anárquicas de unhas).

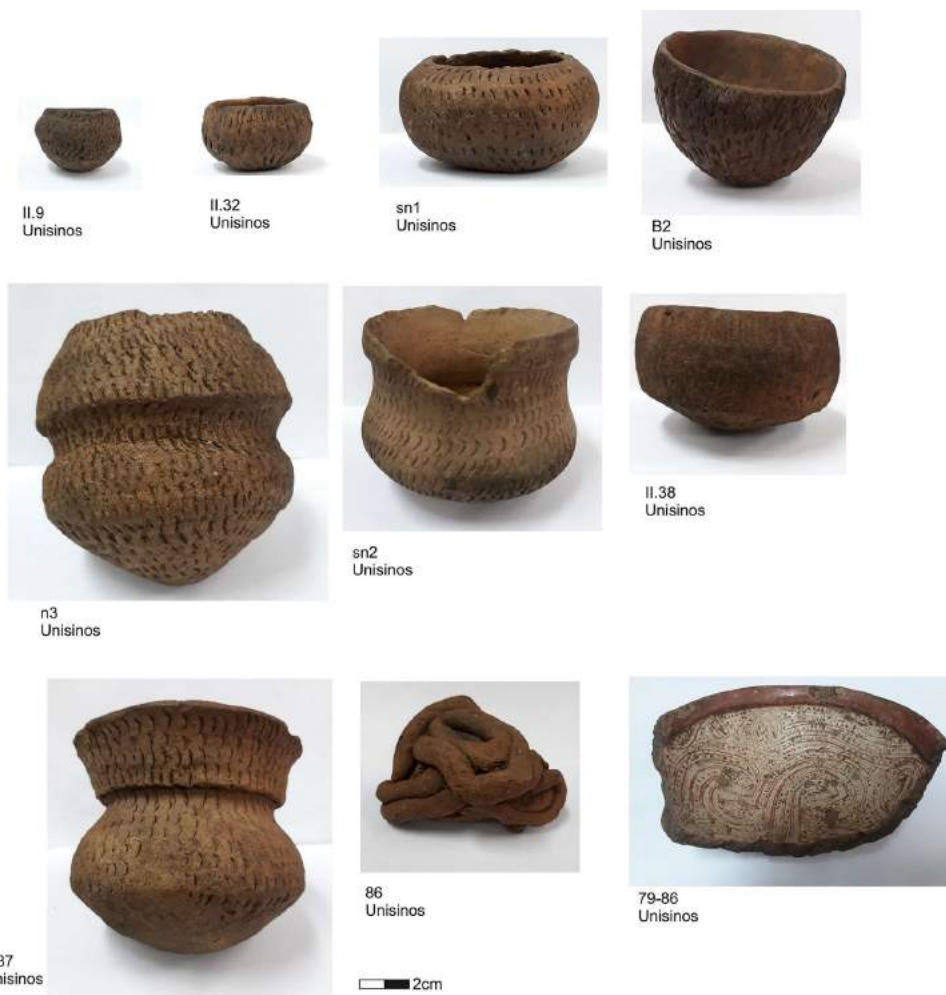


Figura 4. Conjunto de miniaturas da UNISINOS: coleções meridionais, preponderância de decoração plástica, diversos tamanhos e categorias. Peça 86: micro-roletes possivelmente feitos por crianças, destinados à fabricação de vasilhas? Peça 79-86: proveniência, Itapiranga-SC. As demais peças foram encontradas no Rio Grande do Sul. Fotos e prancha: Lílian Panachuk.

⁵ Sobre a numeração das peças: TG. ***: numeração atribuída às peças em nosso catálogo de pinturas em cerâmica Tupiguarani (Prous, Chanoca, Panachuk, Jacome e Rocha 2017). As outras siglas e numerações (utilizadas na descrição das miniaturas) são aquelas de registro das vasilhas dos museus: T***: Museu de Taquara e de Júlio de Castilhos. I***, IB***, ID***: Museu Andrés Barbero. As peças guardadas na Fundação Casa de Cultura de Marabá são identificadas por MA ***.

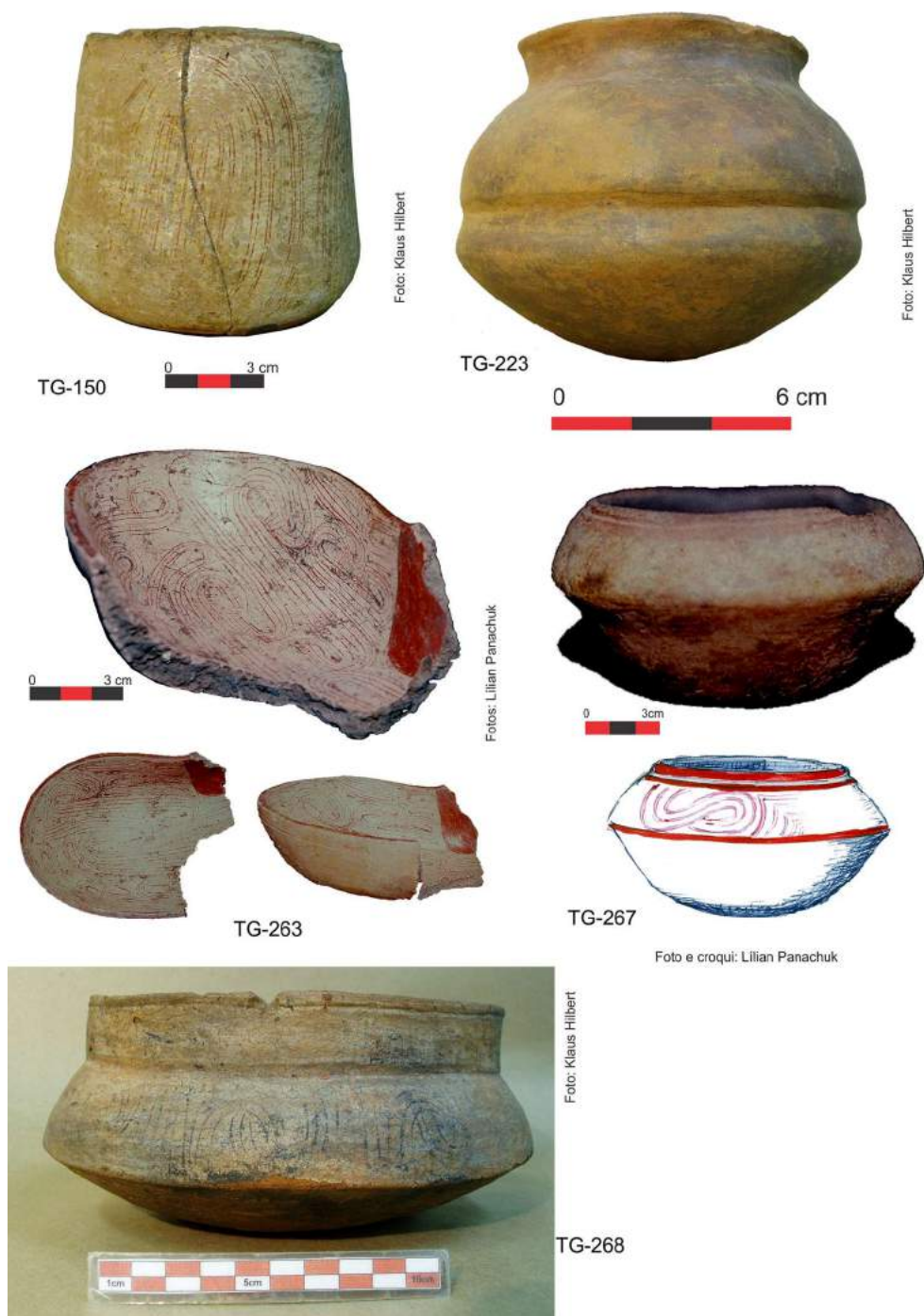


Figura 5. Coleção do Museu da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Prancha: L. Panachuk.

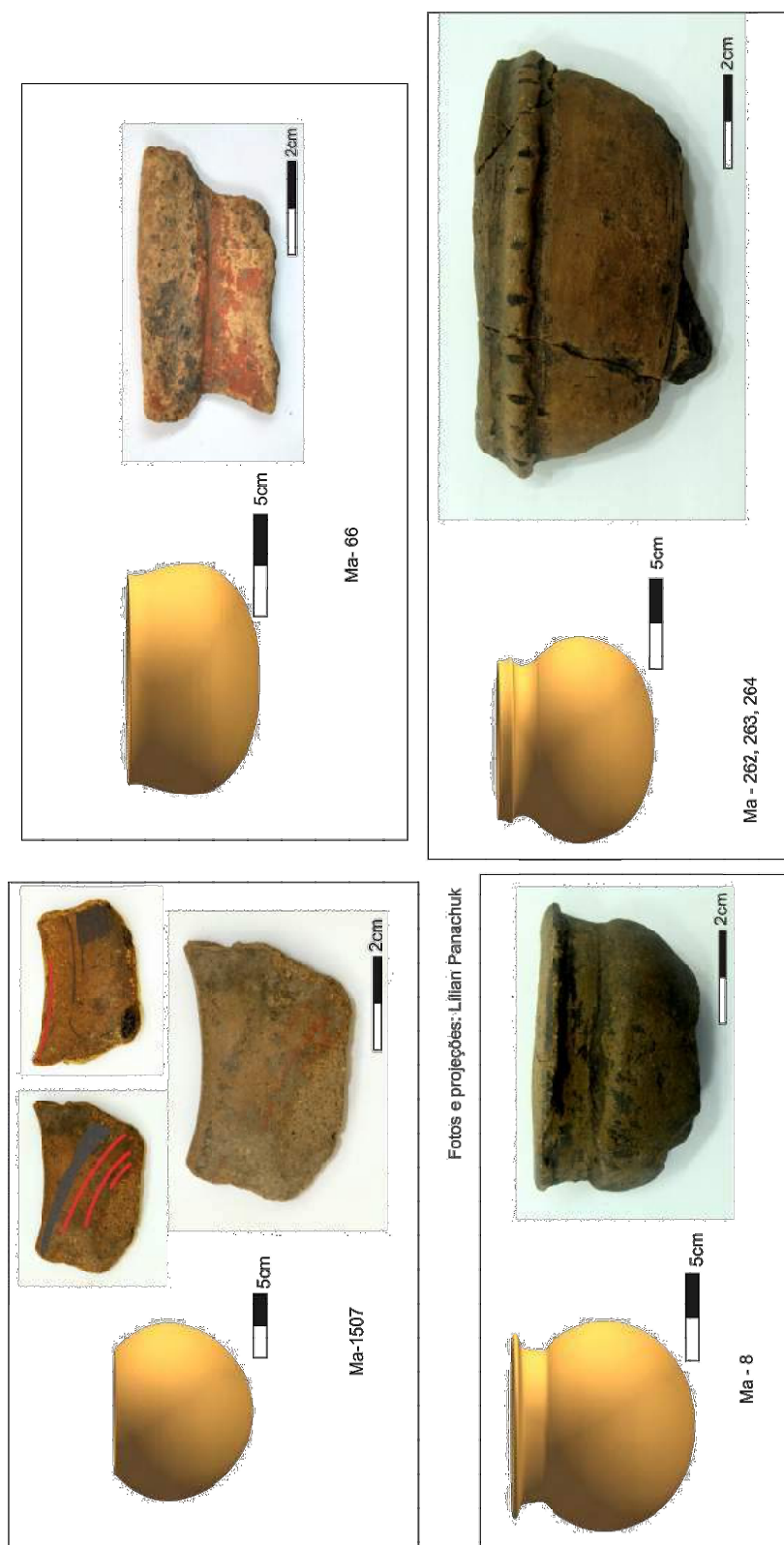


Figura 6. Exemplos amazônicos escavados pela Scientia Consultoria Científica, depositados na Fundação Casa de Cultura de Marabá, escala única para projeções e outra para as fotos. Ma-1507: face interna e externa com pintura vermelha e preta. Ma-66: face externa com engobo vermelho e inciso no gargalo. Ma-8: miniatura pela metade com incisões lineares no gargalo. Ma-262, 263, 264: meia vasilha com decoração plástica em filete e estocado. Prancha: L. Panachuk.

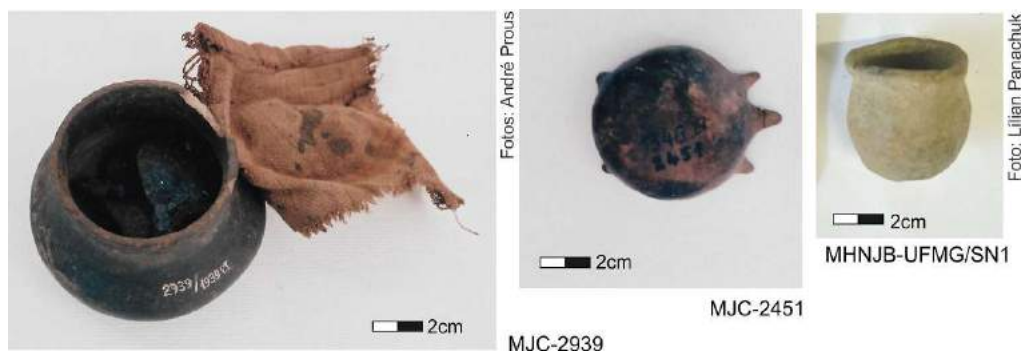


Figura 7. Vasilhas miniatura não Tupiguarani. MJC-2939: recipiente para curare amazônico. MJC-2451: exemplar Waurá, provavelmente do século XIX, Mato Grosso. MHNJB-UFGM/SN1: Tradição Sapucaí, sítio Horto Florestal. Prancha: L. Panachuk.



Figura 8. Exemplos de manufatura do tipo dedal depositadas no Museu do Rio Grande do Sul (MARSUL). Notar que a peça T.718 (vista da base externa - assento) parece ter sido inicialmente um dedal, sendo este revestido posteriormente por uma camada de argila, na qual foram feitas caneladuras. Fotos: André Prous. Prancha: L. Panachuk.

São apenas bolas de argila nas quais foi inserido um dedo ou uma vareta para criar a cavidade interna; não se nota alisamento da superfície. São as menores de todas as miniaturas (2,6 a 4,3 cm de maior diâmetro, com uma única exceção de 6cm).

- Consideramos **brinquedos infantis relativamente elaborados** uma dezena de vasilhas de morfologia irregular, mas cuja parede foi levantada progressivamente, delimitando aos poucos a concavidade central. Acreditamos que os roletes em miniatura preparados que pudemos ver no Instituto Anchieta de Pesquisas poderiam ter sido destinados à fabricação destes brinquedos manufaturados por acordelamento (Figura 4). A maioria destas miniaturas procura imitar a forma de vasilhas utilitárias Tupiguarani: são geralmente tigelas muito abertas ou hemisféricas; em três casos, *yapepó* (ou panelas) e um *cambuchí*. Cinco delas

apresentam unhas ou pseudo-ungulações pouco organizadas. Outra apresenta acréscimo de apliques laterais que possivelmente pretendiam evocar um efeito de acanelado, terminados na parte inferior por um quase corrugado (Júlio de Castilhos T.718). Uma peça roletada de morfologia relativamente regular apresenta até uma camada de argila fina, sobre a qual se notam relevos e unguilações esparsas (T.44). Duas miniaturas (T.096 e TG-233) apresentam decoração pintada que ostenta na face externa linhas retas traçadas no suporte sem acompanhar a dupla convexidade do bojo, o que produz uma desconformidade visual. Este procedimento demonstra que a pintora ainda não tinha entendido como executar traços curvos que parecessem retos ao observador (conflito entre ortodromia e loxodromia) (Figura 3- superior; Figura 9, TG-233).

- Propomos identificar como brinquedos de **elaboração compartilhada** duas dezenas de vasilhas cuja modelagem (ou construção por roletes, em poucos casos) necessitou certa habilidade técnica, mas cujo tratamento final de superfície (geralmente uma decoração plástica) é muito desajeitada. Uma delas (Museu Júlio de Castilhos, s/nº1) é bastante singular, pois parece ter sido inicialmente um dedal similar às peças da primeira categoria que descrevemos; contudo, a esta base foram acrescentados dois anéis que transformaram a peça em uma micro *yapepó* de base globular rugosa e parte superior roletada e alisada. Outras duas vasilhas apresentam uma forma simples subcilíndrica que não garante uma origem Tupiguarani; uma delas foi estriada e a outra, estocada (T.039 e T.367), ambas de forma muito superficial e irregular; acreditamos que foram feitas por uma criança ainda muito pequena. Entre estas peças de elaboração compartilhada, assim como na categoria anterior, equilibra-se o número de potes em forma de *nhaetá* e de *yapepó*. A decoração exclusiva, sempre realizada antes da queima, é de unguilações e pseudo-ungulações. É interessante notar a variedade de aplicações dessas marcas: por vezes em sua maioria bem-dispostas e feitas por uma pessoa habilidosa, que deixou uma mão infantil atuar em apenas um pequeno setor. Por exemplo T.094, e II.9, nas quais parte das “unhas” é bem alinhada, enquanto outra parte é disposta de forma anárquica. Em outros potes, as (pseudo)ungulações podem ser totalmente anárquicas ou aplicadas de forma relativamente homogênea, mesmo quando se notam mudanças de orientação, como se tivessem sido produzidas por uma única criança (T.063). Em outras, ainda, notam-se grupos de marcas de execução de aspecto variado, todas evidenciando falta de controle motor fino (T.040, T.108); isto sugere que várias crianças teriam participado da decoração do mesmo suporte (Figura 14).

- Consideramos **brinquedos feitos por adultos** e/ou jovens, com uma experiência razoável, as vasilhas que apresentam morfologia regular ao imitar as formas Tupiguarani “clássicas”, e bom acabamento de superfície (alisamento e/ou decoração cuidada). Totalizam 47 peças geralmente com mais de 8 cm – ou seja, são as maiores dentre as que consideramos “miniaturas”. Várias possuem uma borda diferenciada do bojo. Algumas são lisas; as que são decoradas, sobretudo aquelas do Instituto Anchieta (Figura 4), apresentam uma variedade maior de decoração que as categorias anteriores. A maioria das peças é unguilada ou estocada, mas várias são corrugadas - uma fórmula que devia ser difícil de ser realizada pelas crianças, já que falta nas categorias anteriores (T.051; T.342). A decoração pintada, praticamente ausente nos agrupamentos precedentes, é também bastante presente em várias coleções. Três miniaturas do Museu Júlio de Castilhos apresentam uma versão simples: uma tigelinha recebeu um engobo vermelho interno; um micro *cambuchi* (com apenas 8,5 cm de diâmetro) tem uma banda vermelha no pescoço e um zigzag vermelho pintado na borda, enquanto o ombro recebeu um engobo branco. Um *caguâba mirim* da PUC-RS apresenta uma forma regular com

uma pintura de traços duplos vermelhos sobre engobo claro, que reproduz com precisão uma temática clássica da região meridional: laços alternando com retângulos de lados encurvados (Figura 5, TG-267).

Uma peça do Museu Andrés Barbero (proveniente de Puerto Aurora, na fronteira do Brasil com o Paraguai) de bojo esférico apresenta uma decoração incisa de ondas e palmetas no pescoço e na borda (I.655); nota-se que estes motivos são normalmente pintados nas vasilhas de tamanho maior. Três das vasilhas supostamente feitas por adultos apresentam furos que poderiam ter servido para passar uma pequena alça vegetal.

Pequenas **vasilhas funcionais**: nem toda miniatura é um brinquedo ou precisa obrigatoriamente ser relacionada a crianças. Bom exemplo é a peça etnográfica amazônica para curare conservada no Museu Júlio de Castilhos (Figura 7, esquerda); com 8 cm de boca e cerca de 10 de diâmetro, tem forma globular; sua parede enegrecida externa é polida; vem acompanhada de um pequeno fragmento de tecido que serviria de tampa (2939/1939 ET). Se a finalidade não fosse indicada no registro do acervo, poderia ser perfeitamente identificada como brinquedo feito por uma pessoa capaz de modelar uma esfera perfeita.

Não seria de todo impensável que algum adulto – masculino ou feminino – tenha feito um dedal tosco para incentivar uma criança pequena a imitar os gestos simples. Contudo, isso parece contrário à etno-educação Tupi-guarani histórica, segundo a qual a criança não é considerada incapaz e incompleta em relação ao adulto, mas deixada livre para fazer o que corresponde ao seu ser (Schaden, 1974; Baldus, 2010, Cohn, 2013). Como indicou Salvador, uma tarefa é proposta “se eles a querem aprender, que se não querem não os constroem” (2007:64; manuscrito de 1627).

- Hesitamos um tempo antes de inserir na categoria das miniaturas de vasilhas abertas aquelas um pouco maiores (entre 11 e 15 cm) em forma de *nhaetá*. Por um lado, elas excedem a dimensão que fixamos para os recipientes (semi)fechados que nos pareceram pequenos demais para serem usados no cotidiano. Por outro, elas são raramente mencionadas na bibliografia e são muito menores que as *nhaetá* “comuns” que geralmente têm entre 35 e 60cm de diâmetro. Ora, os indígenas Kaji e Tamuwa Waurá (comunicação pessoal) nos informaram que, em sua comunidade, fabricavam vasilhas para servir as papinhas destinadas às criancinhas. Tal poderia ser a finalidade da dezena de micro *nhaetá* pintadas, encontradas em vários sítios Tupiguarani de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio Grande do Sul (Figura 2, T.659; Figura 4 79-86, Figura 12 TG-304).

Vasilhas de treino

Existe um treino muito preliminar que consiste em deixar a criança se expressar livre e espontaneamente, brincando com a argila, por exemplo. Neste caso, pode-se até despertar seu interesse, como vimos no caso dos brinquedos. Já em relação a pessoas mais amadurecidas em sua sensório-motricidade (provavelmente as *kugnantin*), pode-se propor tarefas sistemáticas que as preparam a se tornarem competentes – no caso que nos interessa aqui, na elaboração e na decoração das vasilhas.

Apresentaremos agora vasilhas maiores, que não são brinquedos. Algumas são potes relativamente pequenos (menos de 20 cm de diâmetro) de forma bem irregular; poderiam ter sido levantados por principiantes ou até por adultos apressados (que sabiam não ser necessária uma forma regular). Eram destinadas a servir de suporte a exercícios de novças em pintura. Outras são vasilhas maiores, de qualidade morfológica razoável ou até excelente,

que eram provavelmente funcionais; contudo, apresentam uma decoração pintada – pelo menos em certas partes – que não é condizente com a habilidade da oleira que modelou o suporte.

Entre as vasilhas que parecem ter sido feitas **especificamente para treinar aprendizes**, selecionamos uma aberta (TG-43 - UFBA), de morfologia externa muito tosca que, no entanto, apresenta uma superfície plana no fundo interno, adequada para pintar. Uma pintora experiente traçou nele, com mão firme, um desenho-guia com segmentos retos. Outros traços, curvos, são acompanhados em metade do espaço disponível por um feixe de linhas equidistantes e paralelas entre si. Na outra metade do mesmo campo decorativo, uma pessoa com menor habilidade imitou o modelo proposto, sem conseguir acertar com a mesma precisão a equidistância e o paralelismo entre as linhas (Figura 9, superior).

Vejam agora exemplos de vasilhas **funcionais** utilizadas **para treinar** pintoras principiantes. Uma vasilha aberta de Vila Flor, com boca circular (TG-33 - IPHAN), apresenta um formato de regularidade perfeita; seu campo principal (o fundo) apresenta um desenho de estrutura “clássica” e traçado de alta complexidade executado com maestria. Contudo, a borda apresenta um tema inédito, com traços cruzando-se em ângulo reto e reforçados por pontos nas interseções. Ao longo do friso, parece haver três níveis de qualidade na elaboração do tema: uma mão experiente (que teria proposto o modelo), uma execução um pouco simplificada (conseguindo, contudo, manter os ângulos retos entre as linhas) e uma terceira, ainda mais simplificada e com ângulos menos precisos. Neste campo decorativo secundário, periférico, vemos o trabalho de três pessoas com graus de habilidades distintos (Figura 10, superior).

A vasilha TG-26 (UFRN) ilustra um caso diferente. Trata-se de uma *nhaetá* de formato quadrangular e bem elaborada, cujo campo principal foi confiado inteiramente a uma pessoa de pouca prática. O fundo interno foi compartimentado por várias linhas pintadas, em seções grosseiramente quadrangulares; os espaços assim delimitados foram preenchidos com linhas quebradas, cujos segmentos deveriam formar ângulos retos; contudo, o resultado deixa a desejar. Não se trata de uma estrutura nem de um tema que se encontre em vasilhas “normais”, e a execução da meta é obviamente medíocre (Figura 9, inferior).

Um fragmento (TG-61 - IAB-RJ) de vasilha aberta também pertence a um recipiente elaborado com cuidado, que apresenta um campo decorativo interno usado para treinamento. Uma mão competente executou, com traços finíssimos, uma estrutura-guia com traços paralelos entre si formando uma espécie de fita serpentiforme. Trata-se, desta vez, de um elemento recorrente no litoral carioca, embora executado de forma rápida (as pinceladas não procuram se articular de forma perfeita), que uma principiante foi encarregada de completar traçando linhas pontilhadas entre as “fitas”, um procedimento decorativo clássico na região. A execução desta tarefa, embora fosse muito mais simples que aquela de realizar as delicadas sinuosidades, é extremamente tosca. Os pingos são de tamanho errático (e grossos demais em relação ao que se observa nas vasilhas “normais”) por falta de controle da quantidade de tinta; por outro lado, o alinhamento dos pontos é muito irregular.

Um grande *cambuchi* de Itapiranga (TG-142 - MHS) recebeu uma decoração por losangos no ombro. Nota-se claramente que duas mãos de habilidade desigual executaram a pintura, cada uma decorando uma metade da circunferência. Uma das pintoras formou os losangos a partir de triângulos opostos, enquanto a outra os criou a partir de um hachurado (Figura 10, inferior).

Desta forma, fica clara a existência de equivalentes dos nossos cadernos escolares

para crianças em fase de alfabetização, só que em cerâmica e não em papel. Nela treinavam a execução de linhas retas, curvas, paralelas, ângulos retos, pontos, assim como a realização de desenhos concebidos em duas dimensões numa superfície tridimensional.

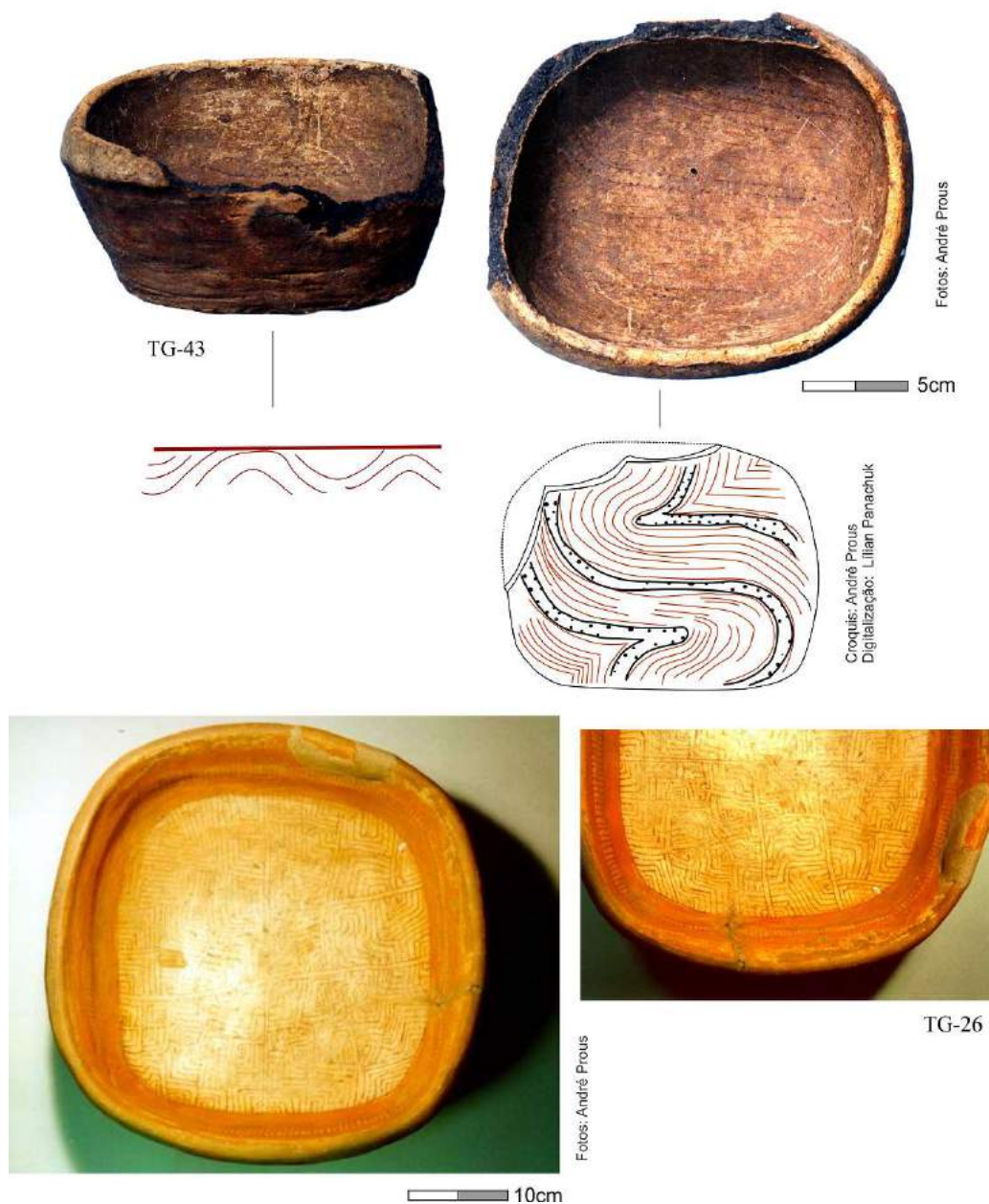


Figura 9. Exemplos de vasilhas de treino, Bahia (TG-43) e Rio Grande do Norte (TG-26). TG 43: vasilha pequena e de forma grosseira elaborada especialmente para oferecer um suporte a um treino de pintura. TG 26: vasilha de tamanho “normal” e razoavelmente bem elaborada, porém pintada por pessoa pouco habilidosa. Prancha: L. Panachuk.



Figura 10. Exemplos de vasilhas de tamanho normal e boa feitura, mas com campos decorativos utilizados para treino, Vila Flor (TG-26) e Santa Catarina (TG-142). TG 33: campo central (principal) pintado por pessoa experiente, enquanto a borda foi decorada, a partir de um modelo bem elaborado, por outras duas pessoas de habilidade desigual. TG 142: os losangos pintados nos dois registros do ombro foram executados de modo diferente, por pessoas distintas. Prancha: L. Panachuk.

Vasilhas de função nem alimentar nem lúdica

É importante ter em mente a possibilidade de que certas vasilhas, cuja morfologia e decoração parecem desajeitadas, possam ser disformes voluntariamente e não em consequência de uma falta de habilidade da oleira e/ou da pintora. Com efeito, R. Polo Müller (1993) relata que, entre os Asurini, os desenhos feitos em vasilhas destinadas a entidades sobrenaturais são obrigatoriamente imperfeitos em relação ao que se observa nos recipientes do cotidiano.

3. Discussão sobre as coleções e vasilhas estudadas

O universo que pesquisamos pode sugerir que ceramistas Tupiguarani meridionais (“proto-guarani”) teriam produzido muito mais miniaturas que os do litoral central, nordeste e da Amazônia oriental (“proto-tupi”). Esta impressão, contudo, é provavelmente equivocada. Isto porque os colecionadores rio-grandenses foram numerosos e sistemáticos em suas coletas desde o século XIX, enquanto as pesquisas em regiões mais setentrionais são mais recentes; restos de miniaturas podem estar, provavelmente, “perdidos” no meio dos acervos e dos relatórios provenientes de escavações arqueológicas. De fato, as pesquisas das quais participaram os autores deste trabalho permitiram observar a presença de potinhos em muitos dos sítios proto-tupi estudados, seja no Espírito Santo (pesquisas preventivas coordenadas por L. Ribeiro), no Pará (pesquisas da Scientia Consultoria coordenada por S. Caldarelli, L. Panachuk e D. Kern) ou no vale do Rio Doce (sítios Florestal I e II). Uma comparação entre o número mínimo de recipientes de tamanho “normal” e de vasilhas miniaturizadas a partir dos fragmentos coletados durante as intervenções em sítios Tupiguarani seria provavelmente instrutiva sobre a importância destes “brinquedos” na vida cotidiana das crianças. De qualquer forma, muitos potes pequenos devem ter sido modelados ou montados sem serem finalmente queimados, como se verificou quando a menina Waurá, Renata (6 anos), teve uma produção intensiva durante as demonstrações feitas por seus pais na oportunidade de um curso de fabricação de cerâmica realizando em Belo Horizonte. Contudo, suas modelagens foram recicladas para se reaproveitar o barro, não deixando vestígios materiais.

A comparação inter-regional das fórmulas decorativas que propomos a seguir é infelizmente fragilizada pelo fato de que as miniaturas são pouco numerosas fora dos estados meridionais e do Paraguai. Mesmo assim, decidimos correr o risco, esperando que o pouco material disponível nas outras regiões seja representativo de um universo maior. De fato, esperávamos que nossas observações seriam amparadas pelo que já sabemos das diferenças regionais entre as vasilhas de tamanho “normal”, caso elas coincidissem.

Agrupamos os três estados meridionais do Brasil em uma única categoria (Sul), os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Ceará em outro conjunto (“centro-nordeste), enquanto outros dois correspondem respectivamente ao Paraguai e ao sudeste do Pará. As vasilhas cuja origem era desconhecida (por exemplo, a peça TG-63 do Museu Nacional – provavelmente meridional) não foram computadas nesta análise (Gráfico 1).

Os resultados mostram que a decoração plástica predomina no Sul e no Paraguai (56% de fórmulas plásticas, 27 % de pintadas, e 16% de miniaturas sem decoração no Sul; 87,5% de decoração plástica e 12,5% de potes sem decoração no Paraguai).

No centro-nordeste, ao contrário, a decoração pintada é mais expressiva (71%) sendo a decoração plástica minoritária (18%); ainda mais raras (12%) são as peças não decoradas (Figura 11).

No sudeste do Pará encontra-se a totalidade das miniaturas que possuem um sulco periférico inciso, e a única peça decorada com filete (Figura 6). Por outro lado, as decorações plásticas e pintadas se equilibram (38% cada), havendo um quarto das peças sem decoração (24%).

Nota-se que no sul do Brasil e no Paraguai a decoração plástica é majoritariamente (pseudo)ungulada ou estocada, sendo o corrugado menos abundante - provavelmente porque é bem mais fácil fincar unhas ou estecas curvas do que produzir um corrugado em peças tão pequenas. De fato, muitas unguelações desordenadas foram feitas até em peças muito toscas - provavelmente por crianças - enquanto as corrugações costumam ser encontradas em peças de morfologia mais elaborada.

Museu do Ceará



Fotos: Marcelia Marques

Museu Nacional, UFRJ



Fotos: André Prous

Figura 11. Coleções de instituições do centro-nordeste, sendo TG-63 provavelmente proveniente de Osório, Rio Grande do Sul. Prancha: L. Panachuk.

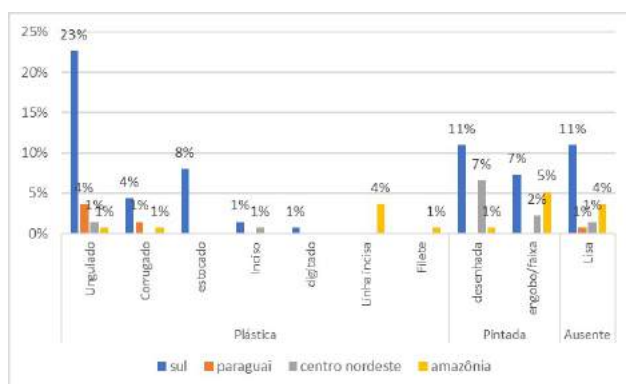


Gráfico 1. Presença e ausência decorativa, por região

Ora, estes resultados confirmam as observações anteriores sobre as coleções de peças de tamanho “normal”: as oleiras meridionais investiam muito mais em decorações plásticas, particularmente em vasos de forma fechada, enquanto suas colegas do centro e do Nordeste decoravam com pintura muito mais as vasilhas abertas. Quanto ao sudeste do Pará, a região se distingue, entre outras coisas, pelo uso de incisões; e a peça com filete remete a um tipo de decoração amazônica, embora não Tupiguarani (Figura 6).

Notemos que as poucas miniaturas meridionais que apresentam uma decoração pintada mais elaborada são provenientes do extremo oeste catarinense (Itapiranga e Palmitos), onde já frisamos, em publicações anteriores, um parentesco grande da pintura em tigelas com a produção pintada do litoral de Rio de Janeiro (Figuras 10 e 11).

Destes dados decorre que o conceito de vasilha em cerâmica parece comportar quase que obrigatoriamente uma decoração. Apenas 16% dos potinhos não apresentam esse tratamento, e são principalmente aqueles que parecem produzidos por crianças menores (dedais e modelados à mão livre). O estado do Pará se destaca por ter a maior porcentagem de vasilhas de tamanho “normal” sem decoração, o que reitera sua função como vasilhas do cotidiano, raramente decoradas (Gráfico 2).

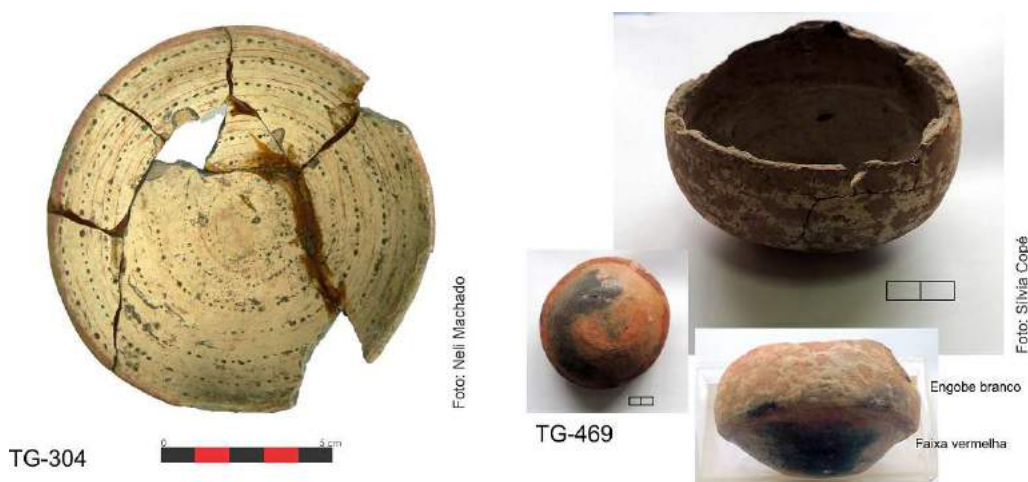


Figura 12. Diferentes coleções meridionais: miniaturas pintadas. TG-304 (Colégio Mauá): *nhaetá* pequeno, com presença de engobe branco, linhas vermelhas concêntricas equidistantes e sempre finas, mas pontos pretos de diâmetro irregular. TG-469 (Universidade Federal do Rio Grande do Sul): engobe branco na porção superior, banda vermelha na meia altura. Prancha: L. Panachuk.

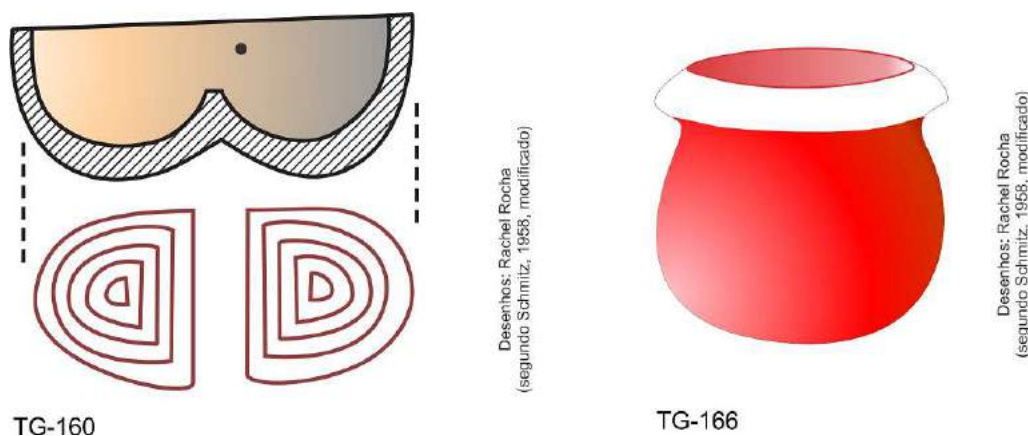


Figura 13. Coleção do Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr SJ, decoração pintada. Prancha: L. Panachuk.

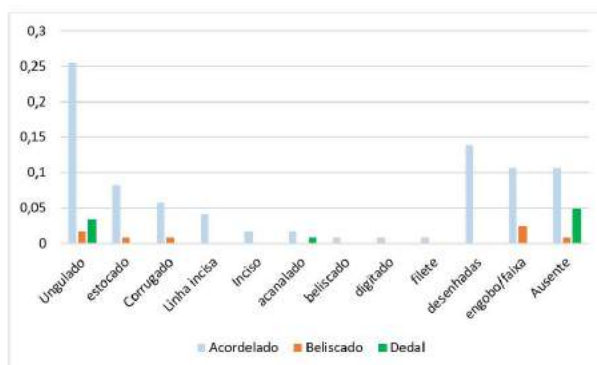


Gráfico 2. técnica de manufatura x ausência decorativa, em toda coleção

Conclusão

Até recentemente, houve pouco interesse em observar e registrar as atividades infantis e educativas entre os ceramistas Tupiguarani. A maior parte do material ao qual tivemos acesso era de coleções antigas, que já selecionavam e agrupavam as miniaturas; estas datam do século XIX ou dos dois primeiros decênios do século XX. De qualquer forma, verificamos que é possível atribuir as miniaturas a várias categorias de idade: produção de crianças com cerca de 4/7 anos de idade, produção de crianças com 7/10 anos de idade, vasilhas elaboradas por crianças mais velhas, vasilhas feitas para crianças por pessoas já experientes.

Neste último caso, foi interessante ver como alguns adultos ou subadultos tinham modelado os potinhos, mas deixado sua decoração – ou parte dela - aos cuidados de uma criança. O fato de que entre os indígenas – assim como entre nós - existam indivíduos mais ou menos habilidosos que a média (Vidal, 2000) não invalida nossa proposta que considera faixas etárias relativamente amplas (Figura 14).

O material estudado nos remete à educação informal dos Tupinambá indicada por Florestan Fernandes (1975:56), que faz com que a criança receba o “poder nascido do uso conjugado das energias materiais e mentais de todos”. Para certas comunidades indígenas seria mais um despertar que um ensino pois “as crianças tudo sabem porque tudo veem e nada sabem porque são crianças” (declaração de um indígena Xikrin, reproduzida in Cohn, 2013:225).

Finalmente, mostramos que vasilhas de tamanho “normal” e certamente destinadas a serem utilizadas na vida cotidiana apresentavam alguns setores utilizados para treinar a habilidade decorativa das jovens aprendizes. Neste caso, não estamos mais no campo lúdico (lembrando que este sempre proporciona também resultados na formação de habilidades), mas no âmbito da didática. Nas diversas regiões consideradas, a coincidência entre as preferências decorativas observadas em vasilhas normais e em miniaturas confirma que a educação, mesmo informal, reitera os valores culturais de cada comunidade oleira (Fernandes, 1975, 1989).

Não abordamos o aspecto emocional que as miniaturas poderiam evocar. Sabemos que pelo menos algumas delas eram colocadas em urnas (Chmyz 2010); contudo conteriam estas o corpo de uma criança? Não dispomos ainda de informações suficientes para tratar este tema. Outra miniatura (I.655) possui dois furos de suspensão e contém pedrinhas brancas. Poderia ter funcionado como um chocalho? Entre os Waurá há chocalhos dedicados exclusivamente a acalmar criancinhas (Kaji e Tamuwa Waurá, comunicação pessoal).

De qualquer maneira, se estudar a cerâmica Tupiguarani é dar a palavra às mulheres, valorizar as miniaturas significa, sem dúvida, abrir os olhos para as crianças – e, mais provavelmente, sobretudo para as meninas.

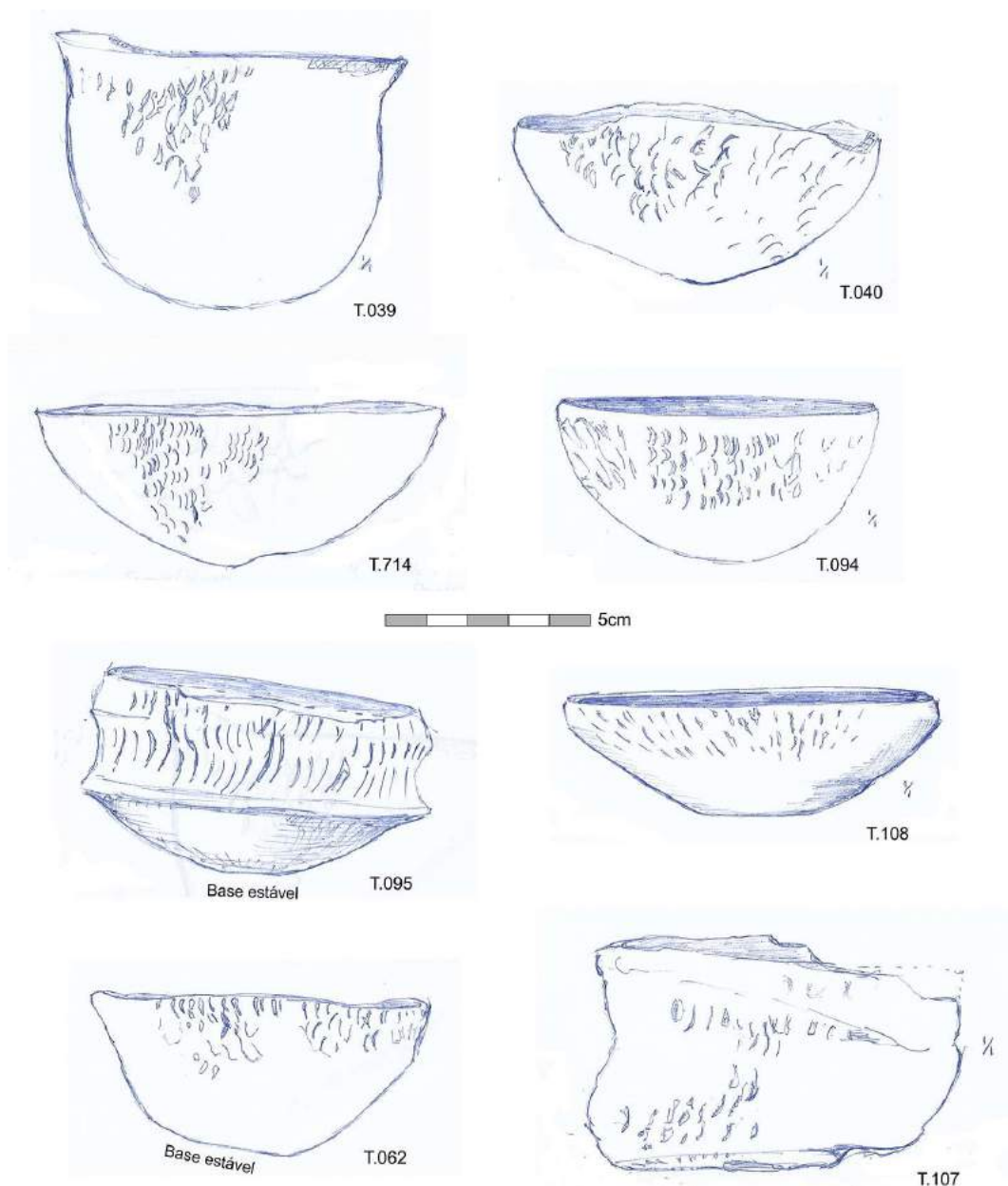


Figura 14. Croquis (André Prous) aproximativos para destacar os diferentes graus de habilidade motora nos alinhamentos e impressão de unguilações e pseudo-ungulações. Verifica-se a presença de duas pessoas na realização da decoração plástica em T.094. Notar a morfologia disforme em T.107. Diferença angular entre o fundo e a boca em T.040, T.095 e T.062. Prancha: L. Panachuk.

Agradecimentos

Agradecemos os sucessivos Diretores do MARSUL, André Jácobus (in memoriam) e Jeferson Dias, que nos abriram suas reservas e facilitaram nossa estadia em Taquara. Clarissa Alves, do Museu Júlio de Castilhos; Adelina Pussinelli e Ariel Mencia, do Museu Andrés Barbeiro de Asunción; P. I. Schmitz e M. Mattos, do Instituto Anchieta de Pesquisas; Solange Caldarelli e Loredana Ribeiro, que autorizaram a utilização dos dados provenientes das pesquisas sob sua responsabilidade; Tania Andrade Lima e Angela Rabelo, que nos guiaram na pesquisa das coleções antigas Tupiguarani do Museu Nacional.

Agradecemos à equipe do GEDAM-EEFFTO-UFMG, pelas conversas sobre faixas etárias e controle motor, e à ceramista Laila Kierulff por dividir informações sobre a vivência em ateliê de arte para crianças. Aos indígenas Atapuwalu, Tamuwa, Renata e Kaji Waurá, que ministraram um curso de produção cerâmica em Belo Horizonte, no qual partilharam saberes profundos e tradicionais.

Referências

ABBEVILLE, Claude d'. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*. São Paulo: Siciliano, 2002.

ALMEIDA, Fernando Ozório. *O complexo Tupi da Amazônia Oriental*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARIÈS, Philippe. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Plon, 1960.

BALDUS, Herbert. Ciclo de vida dos Tapirapé. In LEITE, Dante (Org.), *O desenvolvimento da criança*. São Paulo: Unesp, 2010, p.73-92.

BAXTER, Jane Eva. Los niños como actores culturales en las interpretaciones arqueológicas:grafitis del siglo XIX en San Salvador, Bahamas. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia. 21(1): 181 -196, 2010.

BAXTER, Jane Eva. *The Archaeology of Chilhood*. Children, gender and material culture. Walnut Creek, CA: Alta Mira Press, 2005.

BLASI, Oldemar. O sítio Arqueológico de Estirão Comprido, Rio Ivaí, Paraná. *Estudos Complementares. Arquivos do Museu Paranaense*, 3: 1-59, 1967.

BODU, Pierre. Les Magdaléniens de Pincevent: chasseur de rennes et tailleurs de pierre. *Actes de séminaires publics d'Archéologie Matières à faire*, p. 20-27, 1993.

CALDARELLI, Solange. A arqueologia do interior maranhense no traçado de duas linhas de transmissão. In BANDEIRA, Arkley; BRANDI, Rafael (Orgs), *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Ambiental Ltda, 2014, p.149-184.

CALDARELLI, Solange; PANACHUK, Lilian. 2013. *Resgate dos sítios arqueológicos identificados na área da empresa Aços Laminados do Pará/PA*. Relatório final de laboratório e educação patrimonial. Relatório Técnico IPHAN. Belém: Scientia Consultoria Científica/ IPHAN, 2013.

CAMPOS, Sandra Maria. *Bonecas Karajá: modelando inovações, transmitindo tradições*. Tese de Doutorado. Departamento de Ciências Sociais e Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1980.

CHAMORRO, Graciela. *Decir el cuerpo*. Historia y etnografía del cuerpo em los Guarani. Asunción, Paraguay: Fondec, 2009.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias. Um estudo da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas*, 13(2): 221-244, 2013.

CHYMZ, Igor. Modelagens cerâmicas em sítios Tupiguarani do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. In PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds), *Os ceramistas Tupi*. Volume II, elementos decorativos. Belo Horizonte: Iphan/Sigma, 2010, p. 89-112.

DE MIGUEL IBÁÑEZ, Maria Paz. Una visión de la infancia desde la osteoarqueología: de la Prehistoria reciente a la Edad Media. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia. 21(2): 135-154, 2010.

ÉVREUX, Yves d'. *História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614*. Brasília: Edições do Senado Federal. Volume 94, 2007.

FERNANDES, Florestan. *Investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1975.

FERNANDES, Florestan. *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB, 1989.

GALLAHUE, David; OZMUN, John, GOODWAY, Jacqueline. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. Porto Alegre: ARTMED, 2013.

GARCIA, Lorena. *Arqueologia na região dos interflúvios do Xingu-Tocantins*. A ocupação Tupi no Cateté. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

GILCHRIST, Roberta. Archaeology and the life course: a time and age for gender". In: MESKELL, Linn; PREUCCEL, Robert W (Eds), *A companion of social archaeology*. United Kingdom: Blackwell Publishing Ltda, 2007, p.142-160.

HAYWOOD, Kathleen; GETCHELL, Nancy. *Desenvolvimento motor ao longo da vida*. Porto Alegre: ARTMED, 2016.

JÁCOME, Camila; PROUS, André. Brincando de panelinha: o aprendizado da cerâmica Tupiguarani entre crianças e aprendizes. *XVº Congresso da Sociedade Brasileira de Arqueologia*, Belém, 2009.

JÁCOME, Camila. O geral e o particular na olaria Tupiguarnai no sul capixaba: marcas de uso, forma e função e formas exótica. In RIBEIRO, Loredana (Coord.), *Ocupações Humanas Pré-Coloniais no Litoral Sul do ES e na Região Serrana ES/MG: resultados das análises arqueológicas*. Relatório de Atividades do Programa de Prospecção e Resgate do Patrimônio Arqueológico das áreas atingidas pela instalação da segunda linha do Mineroduto Samarco. Belo Horizonte: Cooperativa Cultural, 2009, p. 36-49.

KAMP, Kathryn. Entre el trabajo y el juego: perspectivas sobre la infancia en el suroeste norteamericano. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia: 21(1): 103-120, 2010.

KAMP, Kathryn. Have all the Children gone? The archaeology of Childhood. *Journal of Archaeological Methods and theory*, 8(1): 1-34, 2000.

KAMP, Kathryn et al. Discovering Childhood: using finger prints to find Children. *American Antiquity*, 64(2): 309-315, 1999.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proença. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

- LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A oleira ciumenta*. Portugal: Edições 70, 1985.
- LILLEHAMMER, Grete. A child is born: the child's world in an archaeological perspective. *Norwegian Archaeological Review*, 22(2): 89-105, 1989.
- LIMA, Tania Andrade. The dark side of toys in Nineteenth-Century Rio de Janeiro, Brazil. *Historical Archaeology*, 46(3): 63-78, 2012.
- MARET, Pierre de; SIDÉRA, Isabelle. Poupées sur métapode de ruminant. *Afrique Archéologie Arts*, 11: 9-20, 2015.
- MATTOS, Aníbal. *Arqueologia de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947.
- MENTZ-RIBEIRO, Pedro Augusto. *Os Sítios Arqueológicos do Vale do Rio Cai. Anais do II Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. São Leopoldo: IAP/Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Leopoldo. Pesquisas, Antropologia, nº 18, 1968. p. 153-169.*
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Arte y vocabulario de la lengua Guaraní*. Asunción, Paraguay: Centro de Estudos Paraguaio Antonio Guasch/ Litocolor SRL, 2002.
- MÜLLER, Regina Pólo. *Os Asuriní do Xingu*. História e Arte. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1993.
- PANACHUK, Lilian. Habilidade na variabilidade gráfica: comportamento motor das oleiras Borda Incisa (Parintins/AM). *Arquivos do Museu de História Natural UFMG*, 23(1): 135-177, 2014.
- PANACHUK, Lilian. As Ceramistas e a Arqueóloga: A argila na construção de corpos distintos. *Revista Habitus*, 16(1): 28-53, 2018.
- PANACHUK, Lilian; CARVALHO, Adriano. Modelagens de barro em sítios Tupiguarani. In PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds), *Os ceramistas Tupi*. Volume II, elementos decorativos. Belo Horizonte: Iphan/Sigma, 2010, p. 57-88.
- PANACHUK, Lilian et al. 2010. Reflexões sobre as aldeias Tupiguarani: apontamentos metodológicos. In PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds), *Os ceramistas Tupi*. Volume III, eixos Temáticos. Belo Horizonte: Iphan/Sigma, 2010, p. 77-114.
- PARK, Robert. Descubriendo la infancia em el registro arqueológico del Canadá ártico. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia, 21(2): 121-134, 2010.
- PROUS, André. Os instrumentos lascados. *Arquivos do Museu de História Natural UFMG*, XII: 229-273, 1991.
- PROUS, André. Du Brésil à l'Argentine, La Céramique Tupiguaranie. *Archeologia*, 408: 52-65, 2004a.
- PROUS, André. Pintar para os mortos? Um olhar sobre as mulheres tupiguarani. Anais do 4º Workshop Arqueológico de Xingó, Aracaju, *Museu Arqueológico de Xingó*, p. 33-54. 2004b.
- PROUS, André. A pintura Tupiguarani em cerâmica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Anais da I Semana de Arqueologia, Suplemento 8: 11-20, 2005.
- PROUS, André. A pintura na cerâmica Tupiguarani. In PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds), *Os ceramistas Tupi*. Volume II, elementos decorativos. Belo Horizonte: Iphan/Sigma, 2010, p. 113-216.
- PROUS, André. Tangas of the Marajó (Brazil): ornamental pubic covers, their typology and meaning. *Antiquity*, 87: 815-828, 2013.

PROUS, André et al. Catálogo das pinturas em cerâmicas Tupiguarani. In PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds), Belo Horizonte: Iphan/Sigma. Reedição. DVD Extra, 2017.

PROUS, André; LIMA, Angelo Pessoa. De cobras e lagartos: as tangas marajoaras. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 21: 231-263, 2011.

SALVADOR, Frei Vicente de. *História do Brasil (1500-1627)*. Curitiba: Juruá, 2007.

SÁNCHEZ ROMERO, Margarita. Esto no se toca! Infancia y cultura material em arqueologia. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia, 21(2): 9-14, 2010.

SANTOS-GRANERO, Fernando (Org.). *The occult life of things: native Amazonian theories of materiality and personhood*. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EDUSP, 1974.

SIDÉRA, Isabelle; DE MARET, Pierre. An ideal bone for traditional dolls. Ruminants metapodia figurines: archaeological and ethnographical examples from Africa and Europe. In: VITEZOVIC, Selena (Ed.), *Close to the bone: current studies in bone technologies*. Belgrade: Institute of Archaeology, 2015. p. 315-323.

SIDÉRA, Isabelle; VORNICU, Andrea. The archaeology of games. Playing with knucklebones in the Early Chalcolithic of the Balkans. In BACVAROV, Krun; GLESSER, Ralf. *Southeast Europe and Anatolia inabelle Prehistory*. Essays in honor of Vassil Nikolov on his 65th anniversary. Bonn: Universitätsforschungen zur prähistorischen archäologie 293, GMBH, 2016, p. 379-388.

SILVA, Fabiola Andrea. *As tecnologias e seus significados. Um estudo da cerâmica dos Assurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva da etnoarqueológica*. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Belo Horizonte: Itatiaia. Volume 221, 2001.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1974.

THEVET, André. *La Cosmographie Universelle*, Paris: PUF, 1953.

UZIEL, Joe; AVISSAR LEWIS, Rona S. The Tel Nagila Bronze Age homes. Studying households and identifying children in the archaeological record. *Palestine Exploration Quaterly*, 145(4): 268-293, 2013.

VAN VELTHEM, Lucia Hussak. *O Belo é a fera*. A estética da produção e da predação entre os Wayana. Lisboa/Rio de Janeiro: Assírio & Alvim/Museu Nacional de Etnologia, 2003.

VIDAL, LUX. 2000. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In VIDAL, LUX (Org.), *Grafismos Indígenas*. Estudos de antropologia estética. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 143-190.

WILKIE, Laurie. Infancia em blanco y negro: La experiencia de la crianza em Estados Unidos a principio del siglo XX. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia. 21(2): 197-214, 2011.